

Silvana Andrade

Bom dia a todos. Para mim, é uma grande honra estar aqui. Já agradeço as palavras generosas, aproveitando também para agradecer pelo convite. Hoje é um dia muito especial, Dia Mundial dos Animais, Dia de São Francisco, então, sob todos os aspectos, é uma grande alegria e uma honra estar aqui. Eu gostaria, antes de começar a apresentação propriamente, de jogar para vocês uma reflexão através de dois vídeos. O primeiro gerou um grande *buzz* no YouTube, com uns quatro milhões de *views*. O segundo fala do mesmo tema, mas poucas pessoas devem ter assistido. Nos últimos 60 anos, houve um avanço muito grande para a humanidade na área científica e tecnológica, mas infelizmente não avançamos moralmente na mesma proporção. Porém, já há uma mudança de mentalidade e consciência muito grande, não entre nós, adultos, mas principalmente entre as crianças. A gente vê crianças que mal sabem falar dando grandes lições para nós, adultos, e mostrando que, hoje, se o tema de direitos animais, no qual todos nós atuamos aqui, ainda é visto com preconceito e relegado a segundo plano – às vezes a plano algum, porque nem sequer é citado nos debates –, para as

crianças é algo bastante importante, isso sem qualquer processo educativo. A compaixão e o respeito aos animais, eles já trazem muito naturalmente. Ouso dizer que o direito dos animais será, dentro de uns 15 anos, o tema mais importante a ser debatido pela sociedade. Será o tema principal da nossa sociedade. Então, todos nós, que estamos aqui, somos a vanguarda desse novo tempo que as crianças vão ajudar a construir, cada um de nós atuando para esse novo mundo chegar mais rápido, com mais consciência, construindo realmente um mundo de paz para todos. Vou passar os vídeos. Antes, eu agradeço pela proposta do tema, parabenizando o Ministério Público de Minas Gerais por esse avanço, assim como à Dra. Vânia Túglio, que faz um trabalho admirável em São Paulo, por essa vanguarda em relação ao tema. Então vamos ver o vídeo do Luís Antônio¹ e, em seguida, *Mamãe, não mate animais*².

[exibição de vídeo]

CRIANÇA: *Papa? Tá bom?*

MÃE: *Mas come seu nhoque de polvo.*

CRIANÇA: *Ah, mãe, tá bom. Esse polvo não é de verdade, né?*

¹ <http://www.youtube.com/watch?v=NS93s0iViyE>

² <http://www.youtube.com/watch?v=XR8JzVaJrEM>

MÃE: Não.

CRIANÇA: Então, tá. Ele nem fala e nem cabeça tem, né? Cadê a cabeça dele?

MÃE: Não tem cabeça. Isso aí é só as perninhas do polvo, picadas.

CRIANÇA: E a cabeça dele tá no mar?

MÃE: Tá lá na peixaria.

CRIANÇA: O moço cortou assim?

MÃE: Cortou.

CRIANÇA: Por quê?

MÃE: Para a gente poder comer, porque senão a gente ia ter que engolir inteiro.

CRIANÇA: Mas por quê?

MÃE: Para comer, amor, igual corta o boi, corta a galinha.

CRIANÇA: Ah... a galinha, ninguém come também.

MÃE: Ninguém come galinha?

CRIANÇA: É, é os animais.

MÃE: É?

CRIANÇA: É.

MÃE: Hum... Mas vamos comer o nhoque. Come a batata, então.

CRIANÇA: Só a batata e só arroz.

MÃE: Tá.

CRIANÇA: Nem o polvo. É os animais.

MÃE: Tá bom.

CRIANÇA: Todos esses são os animais. Esse é os animais, polvo é os

animais, galinha é os animais, vaca é os animais, porco é os animais.

MÃE: É.

CRIANÇA: Então, toda vez que comer os animais, eles morrem.

MÃE: Ah, é.

CRIANÇA: Por quê?

MÃE: Para a gente poder comer, meu amor.

CRIANÇA: Por que eles morrem? Não gosto que eles morrem. Eu gosto que eles fiquem em pé, feliz.

MÃE: Então, tá bom, então a gente não vai comer mais não, tá bom?

CRIANÇA: Tá. Esses animais, têm que cuidar deles, não comer.

MÃE: Tá certo, meu filho. Então, come a parte da batata e do arroz.

CRIANÇA: Tá bom. Por que você está chorando?

MÃE: Não estou chorando, não. Eu tô emocionada com você.

CRIANÇA: Eu tô vendo uma água saindo.

MÃE: Então, come. Não precisa comer o polvo não, tá?

CRIANÇA: Tá bom. Então, esse polvo parece uma carne...

Vejam que é uma criança que mal sabe falar ou fazer grandes conclusões em seu raciocínio, mas ela já se mostra e não entende como é que a gente come animais. A exploração de animais na alimentação, acredito que será a última fronteira que vamos conseguir alcançar, porque, mesmo que muitos atuem contra a exploração na cultura, no entretenimento, moda ou ciência, a alimentação com a matança de animais faz parte da vida das pessoas. Mas

acredito que tudo isso é um avanço moral, e aos poucos a gente vai fechando os links. Esse garoto tem três anos e é de Brasília. Ele saiu em várias mídias, então, espero que a mãe o conduza, porque é uma criança com a consciência desse novo mundo pelo qual a gente trabalha. Vou passar o outro vídeo, gostaria que vocês não reparassem muito na mãe, porque ela é cruel, tem uma postura que deseduca, e a gente tem que estimular a compaixão e o respeito pelos animais que essas crianças têm naturalmente. Infelizmente, essa mãe não tem a visão, ela é do Rio de Janeiro. A criança que vocês vão ver tem dois anos e meio e está desesperada diante da postura da mãe de dar animais para serem consumidos.

[exibição de vídeo]

MÃE: Por que você está chorando?

CRIANÇA: Porque você vai matar a vaca e os peixinhos.

MÃE: Mas a gente tem que matar para comer. Não tem os peixinhos? A gente mata para comer.

CRIANÇA: Mas, mãe, não pode.

MÃE: Não tem as vacas? A mamãe matou para cortar a carne.

CRIANÇA: Você não pode, mamãe.

MÃE: Mas não tem a asinha de galinha que você gosta? É a galinha que a mamãe matou e tirou o braço dela.

CRIANÇA: Você não pode.

MÃE: Mas eu faço.

CRIANÇA: Você não pode!

MÃE: Eu faço.

CRIANÇA: Você não pode, os animais vão... os animais, os peixinhos e as vaquinhas, eu adoro.

MÃE: Você gosta dos animais? Mas por que você come então a asinha de galinha e o peixe? Aqui, o peixe que você tá comendo, ó!

CRIANÇA: Eu não estou comendo, eu tô segurando o peixinho.

MÃE: Vai comer? Come o peixinho. O que foi?

CRIANÇA: É meu peixinho.

MÃE: Mas agora tá morto.

CRIANÇA: Mas ele não deve morrer.

MÃE: A mãe não vai matar mais não, tá bom?

CRIANÇA: Eles vão matar todos os animais.

MÃE: Mamãe não vai mais matar os animais não, tá bom?

CRIANÇA: Tá.

Bom, a mãe teve uma postura não muito educativa, até cruel. A criança nem sabia que aquilo era um peixinho, mas, quando soube, vocês percebem a dor dela. Ela o beija; isso é muito lindo. Esse é nosso mundo futuro, a sociedade vai ter que acompanhar, quer queira, quer não. E nós, adultos, temos obrigação de acompanhar esse avanço moral em todos os setores da sociedade.

Quando comecei o ativismo, eu defendia que os direitos dos animais não estavam circunscritos apenas à área jurídica ou à área filosófica, do ponto de vista ético, mas a todos nós, dentro da nossa área de atuação, como arquitetos, dentistas, engenheiros, policiais, Ministério Público, que é a instituição mais importante na defesa dos animais. A gente tem que atuar. Se não aprendemos sozinhos, que aprendamos com essas crianças. Estou dando apenas dois exemplos, mas existem cada vez mais lições dadas por crianças publicadas no YouTube. Não tenham vergonha de defender os animais. Eu observo muito, entre os policiais, um certo constrangimento quando vão atender ocorrências relacionadas a violências contra animais. Eles se queixam que os colegas dizem: *Ah, você foi atender a ocorrência do veadozinho*, quando se refere a animais. Isso constrange, mas constrangido deveria estar quem faz esse tipo de provocação porque, segundo Schopenhauer, a gente tem três graduações da verdade: primeiro, você tem o que as pessoas fazem naturalmente conosco, que é a gozação; estou usando termos populares, as pessoas brincam com isso. Depois, você tem a oposição, e uma oposição violenta e, depois, a aceitação. Então, são estes três passos para a aceitação de uma nova ideia.

O contrário também existe. Quando eu fiz minha última denúncia numa delegacia em São Paulo, eu passei seis horas para concluir, para conseguir fazer um termo circunstanciado, porque, cada vez que eu chegava, que era minha vez para conversar com o escrivão, o sistema caía. Foram seis horas do sistema caindo comigo. Eu pensei: se eu conseguir fazer isso, vou ganhar na Mega-Sena, porque a possibilidade deve ser semelhante, né? Então, há barreiras colocadas pelos próprios policiais em ocorrência, e isso precisa ser entendido, porque eles estão, de alguma forma, prevaricando. Eu defendo que as academias de polícia tenham cursos específicos para formação de policiais. Isso vai ajudar na agilidade da conclusão de inquéritos, porque um crime contra animal não é investigado da mesma forma como um crime contra uma pessoa. Uma universidade de Curitiba está lançando curso de Medicina Veterinária legal, o que é fantástico e vai dar celeridade aos processos.

Existe livro de cabeceira, não é? Eu tenho é uma frase de cabeceira: “Não existe opinião pública, existe opinião publicada”. Esta frase de Churchill resume a importância da imprensa, porque, às vezes, se você não sabe o que está acontecendo, você não tem opinião sobre aquilo, não é? E, se você é bem direcionado à opinião, você acaba

comprando a opinião que é veiculada, seja em jornal ou revista. No caso da Anda, temos uma postura absolutamente parcial. Muitas vezes, você acha que tem a sua opinião. Não. A opinião não é sua, ela vem da imprensa. A imprensa não apenas informa; ela forma conceitos, modifica ideias, influencia decisões e define valores da sociedade. E aqui estou incluindo também as redes sociais, as mídias, de uma forma geral. Às vezes, você passa conceitos através de programas, de novelas, e a gente sabe que o comportamento da sociedade muda muito com as novelas, desde a moda até outras formas de comportamento. Estive há alguns anos no sertão do Nordeste e vi as meninas vestidas e se comportando como as da capital; nos comportamentos bons, isso é excelente, mas, nos maus, nos causam tristeza. A imprensa, a mídia, em geral, tem um poder muito forte. Não é à toa que é conhecida como quarto poder e é um poder informal, e, junto com o Ministério Público, eu acho que a gente pode atuar com bastante efetividade em defesa dos direitos dos animais. A imprensa sempre esteve ao lado das mudanças políticas e socioeconômicas desde que foi inventada, no século XV, por Gutenberg. Aliás, a imprensa é considerada a maior invenção da idade moderna. Hoje, a gente consegue medir o grau de democracia dos países por conta da imprensa. Uma imprensa livre é uma democra-

cia livre. Quanto maior o cerceamento, maior o autoritarismo, e isso se reflete de diversas formas. A influência da imprensa na sociedade é tão grande que a Edelman, a maior empresa de relações públicas do mundo, fez um levantamento com 3.100 pessoas de nível cultural e econômico elevados sobre a confiança que elas tinham nas instituições. Vejam que 63 a 64% das pessoas acreditam na mídia como fonte de informações. As informações passadas pela mídia, apesar de as pessoas contestarem ideologicamente alguns veículos, são aceitas como verdadeiras. São incontestáveis. Pode-se discordar, mas não há aí uma quebra ou dúvida com relação à informação. Em seguida, informações prestadas por empresas, quase 60%. Na sequência, com metade, vêm as ONGs, mas esse valor – no qual a Anda não se inclui; as ONGs, infelizmente, foram instrumentos de desvio de dinheiro aqui no Brasil, então, por as pessoas saberem desse problema da corrupção –, tem apenas 50%; as instituições religiosas, 48%, e o Governo, pouco mais de 20%. Nesse aspecto, a imprensa é inegavelmente a principal fonte de informações e de formação para a nossa sociedade.

A Anda surgiu a partir de uma observação minha de que os colegas jornalistas não tinham o conhecimento necessário sobre a realidade dos animais. Quando dizem que

a Anda é parcial, eu falo: *Sim, somos parciais, porque não existe a imparcialidade. A imparcialidade é um mito. Ela é tão verdadeira quanto Papai Noel.* Há um ano e meio, as organizações Globo lançaram um guia atestando a imparcialidade deles em relação aos fatos. Não creiam, porque é absolutamente inexistente.

No final da apresentação, vou fazer um exercício para mostrar como a notícia pode ser dada de diversas formas.

Quando a Anda surgiu, eu trabalhava como jornalista na área política, no Congresso, em Brasília, e estava se discutindo a Lei Arouca, a regulamentação da experimentação animal no Brasil, que é um grande retrocesso, mas, como não existiam debates, só os vivisseccionistas tinham espaço na mídia, nós perdemos isso. Na época, foi feita uma matéria no jornal O Globo, eu liguei para um colega e disse: *Olha, me desculpa, mas você não ouviu o outro lado na sua matéria.* E ele, espantado, falou: *Mas tem outro lado?* Eu falei: *Claro! O dos animais!* Se o jornalista Gerson Camarotti nem sequer considerava os animais como lado, eu falei: *A imprensa não sabe absolutamente nada.* Por conta disso, decidi criar a agência, que nasceu com caráter híbrido. As agências de notícias funcionam da seguinte forma: produzindo textos, notícias e informações para veículos de

imprensa. O que vocês leem na Folha de São Paulo, no Diário de Minas ou em qualquer outro veículo não é só a produção da redação. Tem a Reuters, agências internacionais como a Ansa, a CNN e tantas outras, que vendem conteúdo para veículos de imprensa. A Anda tem conteúdo aberto, quer pautar a imprensa e informar a sociedade. Para mim, é incrível toda a repercussão que a gente tem. Em 2011 ou início de 2012, o Diário de Pernambuco, o jornal mais antigo da América Latina, com quase 200 anos de circulação, estampou esta manchete: *O País unido contra a violência aos animais.* Tenho certeza de que vocês nunca viram isso na imprensa. Isso é manchete de capa diante da repercussão do caso Lana, que foi dado em primeira mão pela Anda, eu não sei se vocês se lembram, uma Yorkshire que foi brutalmente assassinada por sua tutora, em Goiás. Ela matou o animal na frente da filha, que não deveria ter nem dois anos, e jogou a cachorrinha pela janela.

Infelizmente, a gente esbarra na questão da falta de leis para fazer justiça nesses casos. Eu defendo que os operadores de direito – e a sociedade junto – precisamos julgar a violência e punir a violência, e não contra quem ela é cometida. Se você comete um crime contra animal de menor poder ofensivo, por mais bárbaro que seja, não

existe punição, e a falta de punição gera impunidade. A gente sabe que, para crimes de psicopatas, leis ou punições pouco importam, mas a gente tem vários níveis de maldade. Se essa enfermeira que matou a Lana soubesse que teria punição de prisão e multa altíssima, tenho certeza de que pensaria duas vezes antes de surtar. O surto é causado pela falta de consequências. Eu já debatia, há uns dez anos, com advogados, que o crime seja julgado não observando quem cometeu ou contra quem foi cometido, mas pela violência em si. Se um índio, um mendigo, um cachorro são queimados na rua, a violência é a mesma, e esse indivíduo é potencialmente perigoso à sociedade.

A gente tem o caso de uma falsa protetora, chamada Dalva. Estimamos que ela tenha assassinado 30 mil cães e gatos em dez anos. Dia sim, dia não, ela depositava 700 litros, em sacos de lixo, de cães e gatos mortos. Ninguém sabia até então. No mês em que foi feita a campanha, entraram para ela 300 cães e gatos – tem uma imagem que não me sai da cabeça, de uma cachorrinha com lacinho, para ser doada. Horas depois, ela foi morta de uma das formas mais cruéis, inclusive os veterinários da USP nunca viram isso, com 14 injeções no coração, uma forma dolorida de matar, e todo o sangue era retirado dos corpos dos animais. No flagrante, foram 37 animais, cães e gatos, mas

entravam 300 por mês e não saíam, porque saíam em sacos de lixo. A vizinhança estranhava tanta produção, mas depois de dez anos de atuação, alguns protetores resolveram pagar um detetive, que montou campana e conseguiu fazer o flagrante. Infelizmente, essa psicopata do mais alto grau, que em qualquer lugar do mundo estaria encarcerada, está livre, num sítio no Paraná. Na última entrevista ao R7, ela se disse vegetariana e que gostava muito de animais. Ela deveria estar num manicômio, num hospital psiquiátrico, porque é um perigo à sociedade.

A Anda tem credibilidade justamente por ser uma agência de notícias parcial, porque é setorializada e nasceu para equilibrar o discurso na mídia. Antes, vocês só tinham notícias de animais se fossem, digamos, réus – se um Pitbull atacasse alguém, por exemplo –, ou se fosse algo bizarro, como uma cabra com cinco pernas, ou nascimentos em zoológicos, algo muito valorizado e pouco educativo, porque a gente sabe quão triste e criminoso é encarcerar animais inocentes em jaulas e gaiolas. Então, a Anda, hoje, é fonte de notícias para a sociedade e para a imprensa. Tudo que a gente pauta e lança no site acaba tendo uma repercussão muito grande na imprensa tradicional. Eu já considero a Anda uma grande mídia, porque tem mais de um milhão de acessos por mês e é a ONG brasileira mais

acessada na rede mundial. Quando eu estive na França e em Luxemburgo, em congressos sobre direito dos animais, eu fiquei sabendo através de ativistas do mundo inteiro que somos o maior site de notícia sobre animais do mundo. E não temos sustentabilidade financeira para isso; temos muita vontade, muita coragem e profissionalismo, isso feito praticamente sem recursos. São mais de 40 colunistas, os melhores nomes da defesa dos direitos dos animais. Publicamos mais de 40 conteúdos por dia e poderíamos publicar mais, mas é preciso dar um tempo para as pessoas lerem. Vou abrir o site da Anda aqui para a gente ver as manchetes de hoje. Infelizmente, a gente não dá notícias boas sempre; aliás, as notícias espelham o que é a nossa sociedade. Hoje, 90% do que é veiculado pela imprensa brasileira é considerado como más notícias. Isso inclui desastres, sequestros, corrupção, uma PEC desfavorável aprovada, e 10% de notícias neutras e boas notícias. Hoje, a nossa manchete principal é de um prefeito que está recompensado moradores – e vocês estão vendo aí uma cadela que tinha acabado de parir e foi assassinada, e os bebês ainda estão mamando. Provavelmente esses bebês foram resgatados, porque a foto foi feita por ativistas, na Rússia. Quando há jogos olímpicos, sempre tem higienização das cidades, com pessoas e com animais. Sempre tivemos esses problemas, e uma forma de se inter-

por a isso é informando, porque a sociedade também se mobiliza para ajudar quem está defendendo animais. A gente não pode aceitar que uma cidade não tenha políticas públicas ou que a política pública dela seja a matança.

Aproveito para fazer uma crítica ao Conselho Federal de Medicina Veterinária e aos conselhos regionais que adotam políticas de matança de animais com *leishmaniose* – e isso é um assunto muito sério –, alegando cumprimento de portaria. Os conselhos regionais de Medicina Veterinária matam animais. Matam e de uma forma terrível. Cinquenta por cento dos exames de *leishmaniose* dão falso positivo. Eles entram na casa das pessoas, retiram o animal e matam. Na cidade de São Paulo, a *leishmaniose* está chegando pertinho da gente. Existem outras formas de controle. Os governos precisam assumir e investir em saneamento, porque têm verbas para isso, mas não usam, acabam realocando, e a forma que acham mais fácil é a matança. Ao contrário disso, a *leishmaniose* está crescendo exponencialmente em todos os lugares. Eles vão acabar com os cães, os gatos, as aves, com todos os animais e depois vão ter que acabar com as pessoas, porque são mais ou menos potenciais transmissoras. Isso precisa mudar! O Ministério Público Federal entrou com um processo, não sei como é que

está o andamento disso, mas precisa mudar. Não tem cura, mas há tratamento.

Nas notícias de hoje, o site da Anda tem os três destaques: o prefeito recompensando moradores; galinhas e tigres explorados num cabo de guerra na China e essa foto do macaco. São coisas que vocês até desconhecem e que causam espanto porque, quando a gente acha que a maldade já chegou ao limite, tem mais coisa. Essa indignação que sentimos tem que se tornar ação, e a Anda adota a linha da não-violência absoluta. Muitas pessoas falam: *Ah, eu não gosto de ver*. Se você não gosta e se dói em você, dói muito mais neles e, justamente por isso, não feche os olhos. Deixe os olhos abertos e faça sua parte.

A gente tem aqui no site o Dia do Animal, milhares de peixes, a seção de colunistas. Tem também a TV Anda, com programas como o Anda Verde, e uma rádio que só toca músicas inspiradas em animais. No futuro, com recursos, queremos quer ter programas, guias gratuitos para as pessoas baixarem. Uma área muito interessante é a de turismo consciente e responsável. Fizemos parceria com uma ONG espanhola, vocês podem abrir no site www.anda.jor.br, educando as pessoas a não participarem de maus-tratos na área de turismo. É o burrico que fica no

sol a pino, para as pessoas tirarem foto; é o camelo; são os aquários e os zoos; esses lugares não devem ser visitados, devem ser fechados. Existe isso: *Ah, eu vou mergulhar com um tubarão!* De alguma forma, você está causando impacto no *habitat* e importunando os animais.

Eu gostaria de falar também sobre programas de supostos biólogos, tem um aí que vai aos lugares ver os animais. Ele se faz de herói, mas acontece que, além de ser deseducativo, em alguns momentos é criminoso. Ele importuna os animais, e esse tipo de programa não tem que estar na TV, e a gente vai precisar ter alguma posição em relação a isso. Ele já passou por várias TVs e agora está num canal a cabo.

Além das informações, a Anda também promove cultura, com shows, lançamento de livros, exposições e temos um projeto humorístico. O canal Porta dos Fundos publicou um vídeo³ que divulguei no site da Anda e vamos assistir agora. Esse vídeo é muito engraçado, faz piada e é uma provocação com relação às pessoas que consomem carne. Eu geralmente tenho problemas com os garçons, porque falo: *Não consumo carne*, e eles falam: *Ah, tem frango, peixe, presunto...* Nesse vídeo, o caso é invertido.

3 <http://www.youtube.com/watch?v=NTE5j-qnpwo>

HOMEM: Isso aqui é gostoso, ó.

MULHER: É, tem bacon.

GARÇOM: Opa, tudo bem?

HOMEM: Tudo bom?

GARÇOM: Posso anotar o pedido de vocês?

HOMEM: Eu estava pensando aqui, ó, esse Filé a Osvaldo Aranha vem como, hein?

GARÇOM: Vem morto.

HOMEM: Como assim?

GARÇOM: Filé, não sei se o senhor sabe, mas é um boi morto.

MULHER: Ele está querendo saber a parte do Osvaldo Aranha.

GARÇOM: Ah, isso daí é uma pessoa, provavelmente um homem, provavelmente morto e que dá nome ao filé.

HOMEM: Vou reformular: Como é que ele vem, o filé, assim?

GARÇOM: Morto. Não tem o que fazer. Até pensei se tinha um jeito, de repente, de cortar um pedaço e anestesiá-lo, para ele não sentir dor, e depois ia crescer, aí a anestesia corta o pedaço e cresce, para saciar essa vontade que vocês têm de animal morto, mas não, infelizmente não dá.

MULHER: Ele vem com o quê?

GARÇOM: Ah, é isso que vocês querem saber? É o que faz diferença para vocês? Vem com alho.

MULHER: Ah!

GARÇOM: Bastante alho.

MULHER: Eu acho que é bom.

GARÇOM: Tanto alho que mal dá pra ver que de baixo tem um cadáver, um boi morto, abatido brutalmente com uma pancada na cabeça, sem ele ter feito nada para merecer isso, e cortado ainda vivo, fatiado, pra que o sangue não se esvaia.

MULHER: E o frango, hein? Eu acho que eu vou nesse Supremo de Frango. Como é que é esse Supremo de Frango?

GARÇOM: O frango é um pinto que cresceu da noite pro dia, à base de um monte de hormônio, cresceu entulhado numa caixinha assim, com mil outros pintinhos, numa caixinha de sapato desse tamanho.

MULHER: Não, tudo bem, mas depois disso?

GARÇOM: Depois, mataram ele. Mataram, cortaram a cabeça dele fora e...

HOMEM: Desculpa, o que ela está querendo perguntar é a parte do Supremo.

GARÇOM: Creme de leite.

HOMEM: Creme de leite. Você gosta?

MULHER: Eu gosto.

GARÇOM: Derivado do leite, da vaca, ordenhada industrialmente, uma máquina que provavelmente deixou suas tetas em carne viva, enquanto isso o filhote dela morto, pelo fato de não ter acesso ao seu leite. Esse é o acompanhamento do Supremo de Frango. Pode ficar tranquilo que esse bezerro não morreu em vão, tá aí no cardápio, chama Baby Beef, custa 39,90. É. Vocês podem pedir, tem a família toda aí.

HOMEM: *Vamos de salada?*

MULHER: *Salada. Vamos de salada, a salada é boa. Tem salada de atum?*

GARÇOM: *Sai peixe geneticamente modificado, morto por asfixia ali na mesa 3. Sai futuro pintinho não fecundado, estralado, sem sal. Sai ostra ainda viva, para elas serem sugadas dentro de suas casas, sem que tenham feito nada para merecer isso. Sai um bando de carne de porco embutida, embutida e prensada junto com o queijo da... vai um misto queijo, porra. Sai salada de rúcula.*

Muito legal, né? As opções aí são justamente o contrário do que a gente enfrenta todos os dias, né? Na Anda, temos contato com formadores de opinião e queremos promover uma noite de humor. Já temos humoristas que aceitaram fazer, um deles é o Danilo Gentili. Lúcia Veríssimo, Marcelo Médici, Japinha do CPM 22 e a Gabriela Duarte já fizeram eventos para a gente. Eles sempre me perguntam o quem podem fazer pelos animais, querem ajudar, mas não sabem como. Temos apoio do Laerte Coutinho, o maior cartunista brasileiro, do Heródoto Barbeiro, jornalista, da apresentadora Cynthia Howlett, esposa do Du Moscovis, Bruno Gagliasso. Nem todos são vegetarianos, mas podem, dentro de suas áreas, contribuir para os animais. Temos também a Monja Coen, um escritor espírita,

empresários e políticos, como Heloisa Helena. Ela falou com pessoas no Ministério Público de Goiás sobre o caso da Lana. O crime foi cometido na frente de uma criança – constrangimento ilegal, algo assim – e a mulher não perdeu a tutela da filha, apesar da brutalidade cometida. Enfim, ela está pronta para fazer outros crimes. Bem, o juiz federal Anderson Furlan também acompanha nosso trabalho, assim como a Mara Gabrilli, o deputado federal Capes, então, são pessoas de todas as áreas. Eu digo que todas as causas são uma só. Queremos direitos, e o direito é para todos, então, em algum momento, nós estamos juntos nessa causa. Crenças à parte, a gente recebeu até uma psicografia. E a gente fica feliz em saber que, em todos os lugares, o trabalho da Anda é bem recebido, apesar de a gente não ter ainda os recursos necessários.

Bom, o Ministério Público tem uma atuação extremamente importante para a sociedade. Na década de 1990, houve um estreitamento muito grande com a imprensa – e aqui eu não vou discutir se as informações passadas dificultaram ou de alguma forma não foram boas para as investigações –, mas essa aproximação foi muito importante. Até então, a sociedade não tinha representantes e, naquele momento, se sentiu representada contra o crime organizado, a corrupção, então, o Ministério Público teve

papel fundamental. A gente diz até que, a partir daí, os jornalistas deixaram de fazer jornalismo investigativo para fazer jornalismo sobre investigações, porque era até confortável: vocês faziam tudo e a imprensa divulgava. No início de 2000, houve retração nessa parceria, que não é o melhor termo, nessa relação com a imprensa, e, conseqüentemente, o Ministério Público se deslocou também da sociedade. Se naquele momento o MP servia à imprensa, hoje a Anda pode servir ao Ministério Público. Era uma relação de uma via e hoje a gente pode ter uma relação de duas vias.

Muitas matérias da Anda serviram de base para a abertura de processos, inquéritos do Ministério Público em diversas cidades. Aqui estão dois casos. No CCZ de Alagoas, 72 cães foram salvos da morte depois de uma denúncia publicada e o Ministério viu. Como eu falei antes, o Ministério Público é a instituição mais preparada para defender os animais, e a sociedade precisa saber disso para inclusive apoiar a instituição. Sem o apoio da sociedade, ficamos vulneráveis, assim como os animais, a interesses políticos de outros poderes. Como o Ministério Público sofre cerceamento, a imprensa também sofre, com relação à liberdade de expressão, e não à liberdade atuação. É essencial ao promotor ter atribuições amplas. Defendemos isso na

Anda e tenho certeza de que os simpatizantes, se conhecerem a atuação de vocês, vão também defender essa atuação. Através da Anda, a gente pode dar conhecimento das ações promovidas pelo Ministério Público, com notícias e artigos. As pessoas precisam entender como funciona a área jurídica, o que elas podem fazer, como ampliar essa atuação.

Eu gostaria que o Ministério Público estivesse dentro da Anda, com canais de notícia, artigos, entrevistas, espaço de denúncia e acompanhamento de processos. Às vezes não se sabe, num primeiro momento, como levar uma denúncia ao Ministério Público, então podemos fazer um link ou abrir um canal explicando o procedimento. Existem critérios de preenchimento de um formulário no site, como nome e CPF, o mesmo que solicitamos nas notícias que são enviadas pra nós. Temos um espaço chamado “Você é o repórter”, em que as pessoas colocam nome, RG, CPF e autorizam a publicação do texto, porque não temos recursos para checar as informações *in loco*, então precisamos desses dados para evitar problemas. Espero que, como em São Paulo, existam aqui cada vez mais promotores atuando em defesa dos animais. Levar esse tema para a sociedade vai estimular bastante. Vou mostrar um vídeo

de 5 minutos, sobre a Anda⁴, que faz um apanhado geral sobre o nosso trabalho.

[exibição de vídeo]

Bom, vocês viram que as notícias da Anda têm repercussão, mudam procedimentos de empresas, servem de pauta ao Ministério Público e à imprensa e conseguem melhorar um pouco a realidade dos animais. A gente lançou um game no Facebook, de um minuto e meio, temos aqui alguns educadores, como a professora Aleluia, um grande nome da educação em Minas Gerais em defesa dos animais, então, eu gostaria de mostrar o game rapidamente.

[exibição de vídeo]

Bom, é isso. Agradeço mais uma vez pelo convite e a oportunidade e convido vocês a conhecerem a Anda, acessarem e divulgarem nosso trabalho. Muito obrigada.

⁴ <http://www.andajor.br/sobre/video-institucional>